

DORIAN LYNSKEY

O Ministério da Verdade

*Uma biografia de 1984,
o romance de George Orwell*

Tradução

Claudio Alves Marcondes



Uma triste observação sobre a nossa época é que nos parece mais fácil crer em distopias do que em utopias: estas podem ser apenas imaginadas, mas aquelas já nos são conhecidas.

Margaret Atwood¹

Havia verdade e havia inverdade, e se você se agarrasse à verdade, mesmo que o mundo inteiro o contradissesse, não estaria louco.

George Orwell, 1984²

Introdução

Dezembro de 1948. Numa ilha remota, sentado na cama diante de uma máquina de escrever, um homem luta para acabar de redigir o livro que lhe é mais importante do que qualquer outro. Está muito doente, mas afinal consegue terminar. Pouco mais de um ano depois, a vida do autor também chega ao fim.

Janeiro de 2017. Em Washington, DC, outro homem está diante de uma multidão, não tão grande quanto gostaria, tomando posse como o 45º presidente dos Estados Unidos. Mais tarde, a secretária de Imprensa comenta que aquele foi “o maior público a presenciar uma posse presidencial — ponto — tanto no país como no resto do mundo”.¹ Ao pedirem que justificasse uma mentira tão deslavada, a assessora do presidente afirmou que a declaração se referia a “fatos alternativos”.² Nos quatro dias seguintes, as vendas do livro do escritor falecido iriam explodir nos Estados Unidos, aumentando quase 10 000% e levando-o ao topo da lista dos mais vendidos.

Quando *1984*, de George Orwell, foi publicado no Reino Unido, em 8 de junho de 1949, no coração do século XX, um crítico perguntou se um livro tão oportuno naquele momento teria a possibilidade de exercer bastante influência nas gerações seguintes. Três décadas e meia depois, quando o presente alcançou o futuro imaginado por

Orwell e o mundo não era o pesadelo por ele descrito, os comentaristas voltaram a anunciar a queda da popularidade do livro. De lá para cá, passaram-se outros 35 anos, e *1984* continua sendo o livro a que recorremos sempre que a verdade é mutilada, a linguagem, distorcida, o poder, abusado, e ficamos curiosos para saber o quão piores as coisas podem ficar — e isso porque alguém que viveu e morreu em outra época se mostrou clarividente o bastante para identificar esses males, além de ser talentoso o suficiente para apresentá-los sob a forma de um romance que Anthony Burgess, autor de *Laranja mecânica*, chamou de o “código apocalíptico dos nossos piores medos”.³

1984 não só vendeu dezenas de milhões de exemplares, mas se infiltrou na consciência de incontáveis pessoas que nunca o leram. As frases e os conceitos cunhados por Orwell se tornaram elementos essenciais do discurso político, ainda potentes após décadas de uso e equívocos: Novafala, Grande Irmão, Polícia das Ideias, Quarto 101, Dois Minutos de Ódio, duplipensamento, despessoa, buraco da memória, teletela, $2 + 2 = 5$, e o Ministério da Verdade. O título do livro marcou um ano do calendário, enquanto o adjetivo “orwelliano” transformou o nome do autor num sinônimo abrangente de tudo o que ele odiava e temia. Adaptada para o cinema, a televisão, o rádio, o teatro, a ópera e o balé, a obra serviu de inspiração para uma sequência romanceada (1985, de György Dalos), uma versão pós-moderna (*Orwell's Revenge: The 1984 Palimpsest* [A vingança de Orwell: O palimpsesto de 1984], de Peter Huber), e incontáveis réplicas. Até mesmo a escrita do livro deu origem, em 1983, a um drama da BBC, *The Crystal Spirit: Orwell on Jura* [O espírito cristalino: Orwell em Jura], e a um romance de 2017, *The Last Man in Europe* [O último homem na Europa], de Dennis Glover. *1984* influenciou romances, filmes, peças de teatro, programas de televisão, histórias em

quadrinhos, discos, propagandas, discursos, campanhas eleitorais e insurreições. Houve gente que amargou anos na prisão apenas pelo fato de ter lido o livro. Nenhuma obra de ficção literária do século XX alcançou tanta onipresença cultural e, ao mesmo tempo, preservou a sua força. Embora vozes discordantes, como Milan Kundera e Harold Bloom, tenham argumentado que *1984* é, na verdade, um romance ruim, com personagens inconsistentes, prosa monótona e enredo implausível, não conseguiram negar a sua importância. Como observou o editor de Orwell, Fredric Warburg, trata-se de um êxito extraordinário “para um romance que não é concebido para agradar nem é de fácil entendimento”.⁴

Para qualquer artista, o preço de uma imensa popularidade é a certeza de ser mal compreendido. *1984* é mais conhecido do que lido. Este livro é uma tentativa de restaurar algum equilíbrio ao explicar o que de fato é o livro de Orwell, em que circunstâncias foi escrito e como vem moldando o mundo nos últimos setenta anos, após a morte do autor. O significado de uma obra de arte nunca se restringe às intenções do seu criador, mas nesse caso vale a pena reexaminar os propósitos de Orwell, tantas vezes distorcidos ou ignorados, caso se queira entender o livro *enquanto livro*, e não apenas como um conveniente repertório de memes. Um livro que é tanto uma obra de arte como uma maneira de ler o mundo.

Esta, portanto, é a história de *1984*. Foram escritas diversas biografias de Orwell e estudos acadêmicos sobre o contexto intelectual do seu romance, mas nunca se tentou mesclar ambos os aspectos numa única narrativa e, ao mesmo tempo, explorar as repercussões do livro. Tenho interesse na vida de Orwell sobretudo como um meio de esclarecer as experiências e as ideias que alimentaram esse pesadelo muito pessoal, no qual tudo o que ele valorizava é sistematicamente destruído: honestidade, decência, equidade, memória, história,

clareza, privacidade, senso comum, sanidade, a Inglaterra e o amor. Isso implica remontar à sua decisão de lutar na Guerra Civil Espanhola em 1936, pois foi na Espanha que, pela primeira vez e de modo aguçado, tomou consciência das formas pelas quais a conveniência política corrompe a integridade moral, a linguagem e a própria verdade. Vou acompanhá-lo a partir daí — passando pela Blitz, a Guarda Nacional, a BBC, os círculos literários de Londres e a Europa do pós-guerra, até a ilha de Jura, onde afinal concluiu o romance —, a fim de demolir o mito de que *1984* teria sido um prolongado grito de desespero, lançado por um homem solitário, agonizante e incapaz de encarar o futuro. Meu objetivo é chamar a atenção para aquilo em que ele de fato estava pensando, e como chegou a pensar isso.

Um dos motivos pelos quais Orwell demorou tanto para escrever *1984* é que o livro sintetizava ideias que ele vinha elaborando durante a maior parte de sua trajetória como escritor. O livro é a consumação de anos de reflexão, escrita e leitura a respeito de utopias, superestados, ditadores, prisioneiros, propaganda, tecnologia, poder, linguagem, cultura, classe, sexo, o mundo rural, ratos, e muito mais, a tal ponto que, com frequência, é impossível atribuir uma frase ou uma ideia determinada a uma única fonte. Ainda que ele pouco tenha dito sobre a evolução do romance, Orwell deixou um rastro de papéis que se estende por milhares de páginas. Mesmo que tivesse vivido por mais décadas, *1984* teria assinalado o fim de uma etapa: como escritor, ele teria de começar de novo.

Na primeira parte, vou contar a história de Orwell e falar do mundo em que vivia: as pessoas que conheceu, as notícias que acompanhava e os livros que lia. Também dedico três capítulos a influências cruciais sobre *1984*: H. G. Wells; *Nós*, de Ievguêni Zamiátin; e o gênero da ficção utópica (e antiutópica). Todos os livros, peças ou filmes citados

eram bem conhecidos de Orwell, a não ser quando indicado. Já a segunda parte acompanha a vida política e cultural de *1984*, desde a morte de Orwell até os dias atuais. No caminho, vamos encontrar Aldous Huxley e E. M. Forster; Winston Churchill e Clement Attlee; Ayn Rand e Joseph McCarthy; Arthur Koestler e Hannah Arendt; Lee Harvey Oswald e J. Edgar Hoover; Margaret Atwood e Margaret Thatcher; a CIA e a BBC; David Bowie e o seriado *O prisioneiro*; *Brazil: O filme e V de vingança*; *Laranja mecânica* e *Filhos da esperança*; Edward Snowden e Steve Jobs; Lênin, Stálin e Hitler. Ao longo do texto, vínculos com a situação política contemporânea são às vezes explicitados e, em outras, permanecem implícitos. Prefiro não insistir demais em chamar a atenção do leitor nesse sentido, mas convém ter sempre em mente os nossos governantes atuais.

Algumas observações sobre a terminologia. “Orwelliano” admite duas definições opostas: como uma obra que reflete o estilo e os valores de Orwell, ou como um aspecto do mundo real que coloca em risco tais valores. Para evitar confusão, vou usar o adjetivo apenas nesta última acepção, e usar “similar a Orwell” para o primeiro caso.

“O êxito de Orwell decorre do fato de ele ter escrito os livros certos exatamente nos momentos certos”, escreveu o filósofo Richard Rorty.⁵ Antes da publicação de *A revolução dos bichos* e de *1984*, Orwell era conhecido nos círculos literários e políticos da Grã-Bretanha, mas estava longe de ser famoso. Atualmente, todos os seus livros, mesmo aqueles que ele descartou como experimentos fracassados ou meras obras feitas por encomenda, nunca ficam fora das livrarias, e hoje podemos ler todos os seus textos remanescentes, graças ao hercúleo esforço editorial do prof. Peter Davison, cujos vinte volumes de *The Complete Works of George Orwell* contêm quase 9 mil páginas e 2

milhões de palavras. Aqueles que leram a primeira edição de *1984* em 1949 conheciam apenas uma fração de sua obra atualmente disponível.

Sabendo o quão escrupulosamente Orwell escolheu o que dividir com o público, não fui capaz de ler tudo o que ele escreveu sem, vez por outra, sentir um arrepio de culpa. Ele teria ficado mortificado de ver republicada grande parte dos textos jornalísticos, para não falar das cartas íntimas, e no entanto quase nada disso é desprovido de valor. Mesmo quando debilitado pela doença, esgotado pelo trabalho, ou desesperado para escrever algo diferente, o seu cérebro sempre estava ativamente às voltas com os grandes problemas e os pequenos consolos, e muito disso acabou desembocando em *1984*. Como ele recusava submeter o seu juízo a qualquer ideologia ou orientação partidária, mesmo ao errar, o que ocorria com frequência, Orwell se equivocava de uma forma sincera e interessante. Ele possuía exatamente aquilo que elogiou em Charles Dickens: uma “inteligência livre”.⁶ Não era, de maneira nenhuma, um gênio singular (também pretendo destacar alguns de seus contemporâneos menos célebres), mas foi o único escritor de seu tempo a fazer tão bem tantas coisas.

Um dos colegas de escola de Orwell, Cyril Connolly, recordou que “emanava dele um brilho que fazia a gente querer que ele gostasse um pouco mais de nós”.⁷ Essa mesma qualidade transparece nos seus escritos e leva os admiradores a buscar a sua aprovação imaginária. Todavia, não tenho a menor vontade de beatificar um homem que via com ceticismo os santos, as utopias e a perfeição em geral. Somente sendo franco a respeito de seus erros e insuficiências — como ele próprio costumava ser — tenho condições de explicar tanto o escritor como o livro. Embora a sua prosa criasse a ilusão de que era um sujeito decente e sensato, que estava afirmando uma verdade óbvia que o leitor sabia visceralmente mas ainda não reconhecera, Orwell

também podia ser precipitado, hiperbólico, irritável, rígido e perverso. Nós o apreciamos apesar de suas falhas porque ele estava certo a respeito de questões cruciais relativas ao fascismo, ao comunismo, ao imperialismo e ao racismo numa época em que muita gente devia ter demonstrado maior discernimento.

Orwell sentia que vivia em tempos execráveis. Ele fantasiava outra vida na qual passaria os dias cuidando do jardim e escrevendo ficção, em vez de ser “obrigado a virar um panfletário”,⁸ mas teria sido um desperdício. O verdadeiro talento dele era a análise e a explicação de uma época tumultuada da história humana. Postos no papel, os valores fundamentais que defendia talvez pareçam vagos demais para significar algo — honestidade, decência, liberdade, justiça —, mas ninguém se confrontou tão assiduamente, em público e em particular, com o significado de tais ideais durante os dias mais sombrios do século XX. Ele sempre procurou dizer a verdade, e admirava qualquer um que fizesse o mesmo. Nada que se baseasse numa mentira, por mais sedutoramente conveniente, poderia ter valor. Indiscernível de sua honestidade era o compromisso de sempre entender o que estava pensando e por que estava pensando aquilo, sem nunca deixar de reavaliar tais opiniões. Para citar Christopher Hitchens, um dos discípulos mais eloquentes de Orwell, “não importa o que você pensa, mas *como* pensa”.⁹

Meu intuito é traçar um quadro preciso das posições adotadas por Orwell diante das questões vitais da época, e das circunstâncias e motivos que o levaram a rever essas posições, sem a pretensão de adivinhar, por exemplo, o que ele teria achado do Brexit. Tal pretensão só pode ser sustentada por citações seletivas que muitas vezes chegam a ser fraudulentas. Lembro de, em 1993, ouvir o primeiro-ministro conservador John Major citar a frase de Orwell sobre “solteironas pedalando a caminho da missa em meio à névoa

matinal”,¹⁰ como se não tivesse sido tirada de *O leão e o unicórnio*, uma passional argumentação em favor do socialismo. Quando os responsáveis pelo InfoWars, o website notório por disseminar escandalosas teorias conspiratórias, citam rotineiramente Orwell, fica óbvio que o duplipensar é algo bem real.

Um romance reivindicado por socialistas, conservadores, anarquistas, liberais, católicos e libertários de todas as estirpes não pode ser, como alegou Milan Kundera, meramente um “discurso político disfarçado de romance”.¹¹ Sem dúvida, não é uma alegoria precisa como no caso de *A revolução dos bichos*, em que todo elemento se encaixa no mundo real com um clique audível. A prosa notoriamente translúcida de Orwell oculta um mundo de complexidade. *1984* costuma ser descrito como uma distopia. Mas também é, em graus variados e discutíveis, sátira, profecia, alerta, tese política, obra de ficção científica, thriller de espionagem, terror psicológico, pesadelo gótico, texto pós-moderno e história de amor. Quase todo mundo lê *1984* ainda na juventude e, embora muito afetado pelo livro — que oferece mais sofrimento e menos reconforto do que qualquer outra obra adotada em escolas secundárias —, não se sente compelido a redescobri-lo na idade adulta. É uma pena que seja assim. *1984* é muito mais rico e estranho do que a gente provavelmente lembra, e recomendo muito que seja lido de novo. Enquanto isso, no apêndice incluído no final deste livro, apresento um breve resumo do enredo, dos personagens e da terminologia.

Quando li *1984* pela primeira vez, ainda era adolescente e vivia numa área suburbana ao sul de Londres. Como disse Orwell, os livros lidos na juventude ficam conosco para sempre. Eu o achei chocante e instigante, mas isso foi por volta de 1990, quando o comunismo e o

apartheid estavam se eclipsando, reinava o otimismo e o mundo não dava a impressão de ser particularmente orwelliano. Mesmo depois do Onze de Setembro, a relevância do livro era fragmentária: costumava ser citado em referência à linguagem política, aos meios de comunicação ou aos sistemas de vigilância, mas não como sendo relevante de forma mais ampla. A democracia estava em ascensão e a internet era vista sobretudo como uma força para o bem.

Enquanto pesquisava e escrevia *O Ministério da Verdade*, porém, o mundo mudou. As pessoas começaram a falar com ansiedade das turbulências políticas da década de 1970 e, pior ainda, da década de 1930. As estantes das livrarias passaram a ser tomadas por obras intituladas *Como a democracia chega ao fim*, *Fascismo: Um alerta*, *Na contramão da liberdade* e *A morte da verdade*, muitas das quais citam Orwell.¹² O livro *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt, mereceu nova edição, divulgada como “uma obra complementar de não ficção para *1984*”;¹³ assim como o romance de Sinclair Lewis, publicado em 1935, sobre o fascismo americano, *Não vai acontecer aqui*.¹⁴ A adaptação para a televisão do romance que Margaret Atwood publicou em 1985, *O conto da aia*, mostrou-se tão alarmante quanto se fosse um documentário. “Antes eu estava adormecida”, diz a personagem Offred, vivida por Elizabeth Moss. “Foi assim que deixamos acontecer.”¹⁵ Bem, agora estávamos despertos. Eu me lembrei então de algo que Orwell havia escrito sobre o fascismo em 1936: “Se fizer de conta que é apenas uma aberração, algo que vai acabar sumindo por si mesmo, você está sonhando e vai acordar quando alguém o golpear com um cassetete de borracha”.¹⁶ *1984* é um livro concebido para despertar o leitor.

1984 foi o primeiro romance plenamente distópico a ser escrito com o conhecimento de que a distopia era real. Na Alemanha e no bloco soviético, ela já fora construída por homens, e outros homens e

mulheres se viram obrigados a viver e morrer no interior de seus muros de ferro. Esses regimes podem ter ficado no passado, mas o livro de Orwell continua a definir os nossos pesadelos, ainda que estes assumam outras formas. “Para mim é como um mito grego, que a gente pega e faz dele o que quiser — como examinar a si mesmo”, comentou Michael Radford, que dirigiu uma adaptação de *1984* para o cinema.¹⁷ “É um espelho”, diz um personagem na versão para o teatro montada em 2013 por Robert Icke e Duncan Macmillan. “Toda época se vê refletida ali.”¹⁸ Para o cantor e compositor Billy Bragg, “toda vez que o leio, parece diferente”.¹⁹

Ainda assim, o fato de que o romance nos fale de modo tão incisivo e claro em 2019 é uma terrível condenação tanto dos políticos como dos cidadãos. Embora por enquanto seja um alerta, também é um lembrete de todas as dolorosas lições que o mundo parece ter desaprendido desde a época em que Orwell viveu, sobretudo as que ressaltam a fragilidade da verdade diante do poder. Hesito em dizer que *1984* continua mais relevante do que nunca, mas não há dúvida de que é mais relevante do que devia ser.

Parafraseando o aviso de Orwell em *Lutando na Espanha*, seu livro sobre a Guerra Civil Espanhola: deixei claros os meus preconceitos, mas procurei dizer a verdade.

PARTE I

1. A história interrompida

Orwell 1936-8

Vivemos num mundo onde ninguém é livre, onde quase ninguém está seguro, onde é quase impossível ser honesto e continuar vivo.

George Orwell, *O caminho para Wigan Pier*, 1937¹

Pouco antes do Natal de 1936, George Orwell irrompeu na redação do *New English Weekly*, em Londres, vestido para uma expedição e com uma mala pesada, e anunciou: “Estou indo para a Espanha”.²

“Por quê?”, indagou o francês Philip Mairet, o afável editor da revista semanal.

“É esse fascismo”, respondeu Orwell. “Alguém tem de fazer algo para impedir isso.”

Quem era esse sujeito de 33 anos diante de Mairet? Que tipo de impressão causava? Media cerca de 1,90 metro, calçava 46, com mãos grandes e expressivas, e braços e pernas desengonçados que mal parecia saber onde colocar. Tinha um rosto pálido e magro, prematuramente envelhecido, com rugas marcadas em torno da boca, dando uma impressão do sofrimento nobre que lembrava aos amigos Dom Quixote ou um dos santos de El Greco. Os olhos azul-claros deixavam entrever uma inteligência desolada e compassiva. A boca era propensa a trejeitos irônicos e, para os mais afortunados, a um riso que parecia um grunhido rouco. O cabelo era eriçado como as cerdas de uma escova. Vestia roupas surradas, que não se ajustavam ao corpo mas pareciam ter sido penduradas nele, restando-lhe o bigode fino como única concessão ao esmero. Exalava tabaco queimado e,

segundo alguns, um odor indefinível de enfermidade. Ele falava num tom monótono seco e rascante, cuja aspiração à neutralidade de classe era frustrada por um obstinado resquício de Eton. À primeira vista, podia parecer reservado e alheio: um sujeito seco e antipático. Quem o conhecia melhor logo se dava conta de sua generosidade e bom humor, mas continuava a se chocar com a reserva emocional. Ele acreditava firmemente no trabalho duro e nos prazeres simples. Era recém-casado, com a brilhante e intrépida Eileen O'Shaughnessy, formada em Oxford. Politicamente empenhado mas não de forma ideológica. Era viajado e falava várias línguas. Frequentava muitos círculos.

Igualmente relevantes são as coisas que ele não era. Ainda não era uma personalidade importante, um socialista convicto, um especialista em totalitarismo, tampouco um escritor cuja prosa se destacava pela transparência. Mal começava a ser George Orwell. A Espanha iria marcar a grande ruptura em sua vida: o seu marco zero. Anos mais tarde, diria ao amigo Arthur Koestler: “A história se interrompeu em 1936”.³ Com o totalitarismo. Com a Espanha. A história parou ali, e ali teve início o *1984*.

“Até por volta dos trinta anos”, escreveu Orwell na meia-idade, “sempre planejei a minha vida tendo por pressuposto não somente que qualquer grande empreendimento estava condenado a fracassar, mas que estava fadado a viver só alguns anos a mais.”⁴

Ele nasceu na Índia, em 25 de junho de 1903, e recebeu o nome de Eric Arthur Blair. A mãe, Ida, que o levou para a Inglaterra no ano seguinte, era uma mulher de inteligência aguçada, meio francesa, que frequentava as sufragetes e os fabianos. O pai, Richard Blair, um funcionário público de médio escalão que trabalhava no

Departamento do Ópio do governo imperial britânico, somente iria ressurgir na vida do filho em 1912, quando apareceu “simplesmente como um homem envelhecido de voz ríspida que sempre dizia ‘Não’”.⁵ No romance *1984*, Winston Smith é obcecado por ter abandonado a mãe e a irmã quando pequeno, porém mal consegue lembrar do pai.

Assim, Orwell nasceu no que ele próprio chamaria de “estrato baixo da classe média alta”,⁶ uma camada problemática no sistema de classes inglês, pois tinha as pretensões e as maneiras dos ricos mas não o capital, e por isso empregava quase todo o seu dinheiro para “manter as aparências”. Mais tarde, ele veria a si mesmo mais jovem com constrangimento, vergonha e considerável desprezo, como o tipo de “pequeno esnobe odioso”⁷ que era o resultado esperado de sua classe e formação. “A menos que o arranque como a erva daninha que é, o esnobismo se agarra a você até a cova.”⁸ Entre oito e treze anos, ele foi aluno da St. Cyprian, uma pequena escola particular em Sussex, que ele odiou com fervorosa paixão até o fim da vida. “Fracasso, fracasso, fracasso — fracasso no passado, fracasso no futuro —, essa a convicção mais profunda que levava comigo.”⁹

Na nota autobiográfica que Orwell contribuiu para o livro *Twentieth Century Authors* [Escritores do século XX], em 1940, ele escreveu: “Estudei em Eton, 1917-21, pois tive a sorte de ganhar uma bolsa, mas ali não fiz nada e aprendi muito pouco, por isso não sinto que Eton tenha sido uma influência muito formadora em minha vida”.¹⁰ Ainda que provavelmente estivesse exagerando o desprezo que os alunos pagantes direcionavam aos bolsistas, não há dúvida de que foi um estudante medíocre e com um forte sentimento de inadequação. Embora conhecido como um “bolchevique”, seu socialismo era mais uma pose então na moda do que uma convicção genuína. Um colega o recorda como “um garoto sempre briguento,

sempre predisposto a achar tudo errado ao redor, e passava a impressão de que estava ali para corrigir o que havia de errado”.¹¹ Segundo outro colega, “ele era mais sardônico do que rebelde, mantendo-se um pouco à parte, observando — sempre observando”.¹²

Depois de Eton, Orwell recusou a oportunidade de frequentar a universidade e se alistou na Polícia Imperial Indiana, na Birmânia, onde a mãe havia crescido: uma decisão surpreendente que ele nunca tentou explicar para os leitores ou para os amigos. Orwell pôs de lado as ambições literárias, mas os cinco anos que passou na Birmânia acabaram por lhe proporcionar o material para um romance razoável (*Dias na Birmânia*) e dois ensaios muito bons (“Um enforcamento” e “O abate de um elefante”), bem como uma crença vitalícia no valor da experiência direta. Orwell não gostava de intelectuais, um termo que costumava colocar entre aspas, que se baseavam em teorias e especulações; e jamais ficava plenamente convencido de algo até que tivesse, de alguma forma, vivenciado aquilo. “A fim de odiar o imperialismo, você precisa ser parte dele”¹³ é uma generalização falaciosa, mas verdadeira no caso de Orwell. Nos textos de Orwell, *você* muitas vezes significa eu.

A Birmânia desempenhou o papel de uma terapia aversiva. Ao observar como os membros da classe dominante eram corrompidos e confinados pelo abuso do poder e pela hipocrisia que o mascarava, Orwell adquiriu uma aversão por todo tipo de opressão, e brevemente abraçou uma espécie de anarquismo, antes de concluir que não passava de uma “bobagem sentimental”.¹⁴ Ele retornou à Inglaterra em 1927 (de licença, mas nunca voltaria à Birmânia) com “um imenso fardo de culpa que tinha de expiar”.¹⁵ Isso se manifestou como um desejo masoquista de se colocar em situações desconfortáveis e que implicavam até mesmo risco de vida. “Como escrever sobre os pobres a menos que você viva a pobreza, ainda que temporariamente?”,

perguntou a um amigo.¹⁶ Um bibliotecário que o conheceu nessa época notou com sagacidade que ele era um homem “no processo de se readaptar”.¹⁷

Desprovido, como ele próprio admitiu, “de interesse no socialismo ou em qualquer outra teoria econômica”,¹⁸ procurou mergulhar no submundo dos oprimidos — aqueles que, por não terem emprego, propriedade ou status, haviam transcendido, ou melhor, haviam caído abaixo do sistema de classes —, tornando-se um vagabundo na Inglaterra e um lavador de pratos em Paris no final da década de 1920. “É uma espécie de mundo-dentro-do-mundo onde todos são iguais, uma pequena e esqualida democracia — talvez a coisa mais próxima da democracia que existe na Inglaterra”, escreveu.¹⁹ Para Richard Rees, o editor da revista literária *The Adelphi*, Orwell escolheu esse caminho “como uma espécie de penitência ou ablução para se lavar da mácula do imperialismo”.²⁰ Essa *nostalgie de la boue* [nostalgia da lama], que antecipava as incursões de Winston Smith no bairro proletário em *1984*, o levou a escrever o seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres*.

Publicado em 1933, o livro de memórias assinalou o nascimento de “George Orwell”. Um dos motivos que deu para usar um pseudônimo era o desejo de poupar a família do constrangimento caso ficassem chocados com o conteúdo, ou caso a sua carreira de escritor não desse em nada, mas por outro lado ele nunca gostara do nome Eric e estava ansioso para se reinventar. Tirado do rio Orwell em Suffolk, esse nome quintessencialmente inglês acabou tomando o lugar de outros nomes alternativos que lhe ocorreram, como Kenneth Miles, P. S. Burton e H. Lewis Allways. E afinal foi uma boa escolha: “allwaysiano” não teria sido um adjetivo muito elegante.

Em 1936, Orwell era autor de três romances, um livro de não ficção, alguns poemas fracos e uma quantidade crescente de artigos jornalísticos — mas tudo isso ainda não chegava a constituir uma carreira viável. Ele só conseguia pagar as contas dando aulas e trabalhando em livrarias. Nesse mesmo ano, ele traçou um autorretrato sombriamente exagerado em seu terceiro romance, *A flor da Inglaterra*. Gordon Comstock é um fugitivo empobrecido da classe média “remediada mas digna”²¹ que nutre ambições literárias irrealizadas e trabalha numa livraria para sobreviver. Ainda “não completou trinta, mas já está decrépito. Muito pálido, com rugas amargas e inextirpáveis”.²² A autopiedade, o pessimismo e a misantropia dele são de tal modo claustrofóbicos que a sua definitiva capitulação à conformidade burguesa, simbolizada pelo vaso doméstico de aspidistra, surge como uma libertação misericordiosa. Comstock é uma versão grotesca de Orwell, do que ele poderia ter se tornado caso tivesse sucumbido à amargura e ao desespero.

Em janeiro de 1936, Orwell aceitou o encargo — de seu editor Victor Gollancz, um entusiástico e vigoroso socialista judeu — de explorar as duras condições em que vivia a classe dos operários fabris no norte da Inglaterra. Publicada no ano seguinte, a primeira parte de *O caminho para Wigan Pier* é um exemplo de excelente jornalismo de denúncia, despertando a empatia do leitor por meio do entrelaçamento de dados concretos com uma vívida percepção de paisagens, sons, sabores e cheiros da vida da classe operária. A imagem de uma mulher ajoelhada para desentupir um cano de esgoto marcou Orwell como um quadro indelével da labuta que iria reencenar anos depois em 1984. A expressão no rosto da mulher o deixou fascinado: “Ela sabia muito bem o que estava acontecendo”.²³ Orwell escreveu com frequência sobre o poder da expressão facial para revelar a personalidade de forma profunda, seja no caso de

Dickens, de Hitler, de um miliciano espanhol ou do Grande Irmão. Na Pista de Pouso Um, o nome que deu à versão da Grã-Bretanha em 1984, o perigo de delatar fisicamente os seus verdadeiros sentimentos é chamado de “rostocrime”,²⁴ e a metáfora do torturador O’Brien para a tirania é “uma bota pisoteando um rosto humano — para sempre”.²⁵

Embora tenha minimizado bastante os prazeres da existência da classe trabalhadora de modo a enfatizar as suas dificuldades, na primeira parte de *O caminho para Wigan Pier*, Orwell reconhece plenamente os personagens como seres humanos, e não apenas como unidades estatísticas ou emblemas das massas sofredoras. Por isso, ao comentar com o escritor proletário Jack Common que “temo ter feito uma trapalhada de certos trechos”,²⁶ é de presumir que se referia à segunda parte ensaística do livro, a qual mais tarde afirmou que não valia a pena republicar.

Essa segunda parte abre com uma espécie de reminiscência, delineando, com brutal sinceridade, a evolução de sua consciência política. Ao dizer que fora preparado desde o nascimento para “odiar, temer e desprezar a classe operária”,²⁷ implicitamente faz do livro um meio tanto de educação como de expiação. Para Orwell, se o socialismo era obviamente necessário, então a impopularidade dele se devia à sua imagem, que “afasta as próprias pessoas que deviam estar acorrendo em seu apoio”,²⁸ ao obscurecer os ideais fundamentais de justiça, liberdade e decência comum. Ele identifica dois obstáculos importantes. Um deles é o culto da máquina pelo socialismo, que resulta numa visão desagradável de “aeroplanos, tratores e imensas e reluzentes fábricas de vidro e concreto”.²⁹ O outro é a excentricidade de classe média. Mal reconhecendo a existência de socialistas da classe operária ou do movimento sindical, Orwell resgata os seus próprios preconceitos excêntricos através de hábitos mentais imaginários do homem comum, denunciando os fetiches e as debilidades que

supostamente tornariam o socialismo pouco atraente para o tal homem (isto é, para ele próprio), investindo contra, entre outras coisas, vegetarianos, abstêmios, nudistas, quakers, sandálias, suco de frutas, jargão marxista, o termo *camarada*, camisas cor de pistache, métodos anticoncepcionais, ioga, barbas e a cidade-jardim de Welwyn, especialmente erguida em Hertfordshire de acordo com princípios utópicos. Embora Orwell sustente no livro que está apenas desempenhando o papel de advogado do diabo, não é fácil escapar à impressão de que se diverte mais insultando uma minoria aloprada de socialistas do que defendendo outras formas de socialismo. Depois de tal espetáculo, é um pouco demais ele concluir o livro com um apelo para que os “esquerdistas de todas as cores deixem de lado suas diferenças e se juntem”.³⁰

Orwell complicou a vida de Victor Gollancz, que pouco antes havia fundado o Left Book Club [Clube do Livro de Esquerda], juntamente com o deputado trabalhista John Strachey e o cientista político Harold Laski, a fim de promover o socialismo. Laski, o mais influente intelectual socialista da Grã-Bretanha, considerou a primeira parte de *O caminho para Wigan Pier* uma “admirável propaganda das nossas ideias”,³¹ mas Gollancz se sentiu obrigado a escrever um prefácio para a edição, publicada pelo Left Book Club, que desvinculava o clube do livro dos juízos dissonantes contidos na segunda parte. Nesse prefácio, Gollancz colocou o dedo na paradoxal natureza atormentada de Orwell: “Na verdade, ele é ao mesmo tempo um rematado intelectual e um violento anti-intelectual. Do mesmo modo, é um esnobe temível — ainda (que ele me perdoe por dizer isto), e um execrador genuíno de toda forma de esnobismo”.³² Até o final de sua vida, Orwell admitiu que os micróbios de tudo o que criticava estavam presentes nele mesmo. Na verdade, era essa percepção das próprias

deficiências que o inoculava contra as ilusões utópicas da perfectibilidade humana.

Gollancz também acusou Orwell de nunca definir a sua versão preferencial do socialismo, nem de explicar como poderia ser concretizada. Segundo John Kimche, um colega de livraria e subsequente editor de Orwell, este era um “socialista visceral”: “Muito decente mas sem consonância, diria eu, com situações políticas ou militares complexas”.³³ Todavia, por mais fragmentária e perversa que fosse a sua crítica do socialismo, as intenções de Orwell eram sinceras. Estava convencido de que “nada mais pode nos salvar da miséria do presente ou do pesadelo do futuro”,³⁴ e se o socialismo não conseguia a adesão dos britânicos comuns, então certamente a insatisfação deles acabaria sendo explorada por alguém como Hitler. Na Grã-Bretanha, escreveu, o socialismo “recende a excentricidade, a adoração da máquina e ao culto estúpido da Rússia. A menos que se livre desse odor, e bem depressa, o fascismo pode vencer”.³⁵

Enquanto escrevia essas palavras, Orwell já fazia planos para combater o fascismo de forma mais direta. Richard Rees, o editor da *Adelphi*, conhecia Orwell desde 1930, mas foi só quando o amigo viajou para a Espanha que Rees “começou a se dar conta de que ele era extraordinário”.³⁶

“A Guerra Civil Espanhola é um daqueles casos relativamente raros em que a visão mais amplamente aceita dos acontecimentos foi escrita de forma mais persuasiva antes pelos derrotados do que pelos vencedores no conflito”, escreveu o historiador Anthony Beevor.³⁷ Além disso, as recordações do conflito mais amplamente lidas, *Lutando na Espanha*, foram escritas por alguém que lutou ao lado dos derrotados pelos derrotados: o Partido Obrero de Unificación

Marxista (Partido Operário de Unificação Marxista), conhecido como Poum. Essa era uma perspectiva muito peculiar. O Poum era um partido pequeno e pouco influente, débil em termos militares e impopular em termos políticos. Assim, quando os contemporâneos e, mais tarde, os historiadores argumentaram que o livro de Orwell oferecia uma visão distorcida do conflito, eles não se equivocavam, ainda que o livro contasse a verdade da guerra vivida por seu autor.

Em fevereiro de 1936, na época em que Orwell estava em Wigan, os cidadãos na turbulenta República Espanhola, que existia na época havia cinco anos, elegeram por estreita margem uma coalizão de Frente Popular composta de anarquistas, socialistas, comunistas e republicanos liberais, para o horror da Igreja e do Exército, os pilares gêmeos do sentimento monarquista reacionário. No mesmo ano, em 17 de julho, após cinco meses de instabilidade, o general Francisco Franco promoveu um levante no Marrocos espanhol e nas ilhas Canárias, desencadeando uma guerra civil brutal que dividiu em dois o país e virou um campo de enfrentamento indireto entre o fascismo e o comunismo, cujo confronto iria definir a década. A Alemanha e a Itália logo passaram a fornecer armas e pessoal aos rebeldes franquistas, ao passo que a Rússia, graças a um equivocado embargo de armamentos imposto pela Grã-Bretanha e pela França, se tornou um aliado crucial da República, com consequências desastrosas.

Orwell acompanhou com muita atenção os acontecimentos na Espanha; as páginas finais de *O caminho para Wigan Pier* incluem uma referência à batalha por Madri, travada em novembro. Ele foi para a Espanha com a expectativa de combater o fascismo e defender “a decência comum”,³⁸ mas lá mergulhou numa fervilhante sopa de letras dos acrônimos das facções políticas que, para alguns, marcaria a diferença entre a vida e a morte. Explicar aquilo que Orwell chamou de “uma praga de abreviaturas”³⁹ é uma tarefa ingrata e necessária,

mas vou ser breve. O Psuc (Partido Socialista Unificado da Catalunha) era o braço catalão do Partido Comunista espanhol, que crescia com rapidez e era, de longe, a facção com mais recursos e mais bem armada, graças ao apoio russo. Os anarquistas eram representados pela FAI (Federação Anarquista Ibérica) e pela CNT (Confederação Nacional do Trabalho). Os socialistas da UGT (União Geral dos Trabalhadores) haviam contribuído com o último primeiro-ministro espanhol, Francisco Largo Caballero. Em seguida vinha o Poum, liderado por Andrés Nin, de 44 anos: um renegado partido operário marxista na posição isolada e vulnerável de oposição a Stálin, ao mesmo tempo que se desentendia com Trótski. Essas facções de esquerda acabaram se digladiando no interior da Guerra Civil mais ampla. Os comunistas, seguindo a nova estratégia russa de Frente Popular, numa aliança antifascista com os capitalistas, insistiam que a vitória na Guerra Civil tinha prioridade diante da revolução. Para os anarquistas e o Poum, a vitória sem revolução era inaceitável, e até impossível. As duas posições eram irreconciliáveis.

A adesão de Orwell ao Poum parece, em retrospecto, caracteristicamente quixotesca. De fato, como admitiria mais tarde, “não apenas não me interessava a situação política como nem me dava conta dela”.⁴⁰ Se conhecesse mais, contou a Jack Common, ele teria se juntado aos anarquistas, ou mesmo às Brigadas Internacionais apoiadas pelos comunistas, mas na prática não coube a ele a decisão. Em busca de uma carta de recomendação que facilitasse a viagem à Espanha, ele havia procurado Harry Pollitt, o fervoroso stalinista que era secretário-geral do Partido Comunista da Grã-Bretanha. Pollitt considerou Orwell politicamente pouco confiável (o que era verdade, e motivo de orgulho para ele) e lhe recusou ajuda. Orwell teve mais sorte com Fenner Brockway, do Independent Labour Party (ILP,

Partido Trabalhista Independente), um partido socialista pequeno e independente alinhado ao Poum, e assim a sua sorte foi lançada. Tanto o Poum como o ILP haviam se mostrado honestos e corajosos, aos olhos de Orwell, ao denunciar os espetaculares julgamentos que ocorriam em Moscou.

A mescla, em Orwell, de idealismo, ignorância e determinação não era incomum entre os estrangeiros que afluíram à Espanha em 1936. A grande causa de esquerda da época atraiu gente de todo tipo: aventureiros e sonhadores, poetas e encanadores, marxistas doutrinários e desajustados insatisfeitos. Segundo um desses voluntários, era “um mundo onde pessoas perdidas e solitárias podiam se sentir relevantes”.⁴¹ Até 35 mil indivíduos de 33 nacionalidades serviram nas Brigadas Internacionais, e outros 5 mil nas milícias filiadas aos anarquistas e ao Poum.⁴² Mais de mil jornalistas e escritores também estavam lá, entre os quais Ernest Hemingway, Martha Gellhorn, Antoine de Saint-Exupéry e o poeta Stephen Spender, que depois escreveria “foi em parte uma guerra de anarquistas, uma guerra de poetas”.⁴³ Poucos, se é que algum, desses estrangeiros entendiam a complexidade da situação política antes de chegarem lá, mas ainda assim, comentou o jornalista Malcolm Muggeridge, “parecia certo que, na Espanha, o Bem e o Mal afinal se defrontavam em uma luta sangrenta”.⁴⁴

Orwell partiu de Londres no dia 22 de dezembro e seguiu para a Espanha passando por Paris. Ali visitou o romancista americano Henry Miller, que considerava uma insensatez arriscar a vida por uma causa política, e tentou convencer Orwell a desistir. “Ainda que Orwell fosse um cara maravilhoso à sua maneira, no final achei aquilo uma estupidez”, diria Miller décadas depois. “Ele era como muitos

ingleses, um idealista, e, na minha opinião, um idealista estabonado.”⁴⁵ Orwell cruzou a fronteira espanhola e chegou a Barcelona no dia seguinte ao Natal.

A Catalunha era uma região orgulhosa de sua quase independência, e tinha uma longa história de anarquismo. O golpe de Franco em julho desencadeara ali uma revolução antirreligiosa, com muitas igrejas incendiadas e padres executados. A burguesia fora em grande parte poupada, mas bancos, fábricas, hotéis, restaurantes, cinemas e táxis foram confiscados pelos partidos de esquerda e pichados com as iniciais da CNT e da FAI. Franz Borkenau, um escritor austríaco que Orwell viria a conhecer e admirar, visitou a Espanha em agosto e ainda presenciou o final do fervor revolucionário. “Era avassalador”, escreveu ele. “Era como se tivesse desembarcado num continente diferente de tudo o que eu conhecera até então.”⁴⁶ Cyril Connolly, um colega de escola de Orwell, também esteve lá, e por um momento aquilo acabou com o seu esnobismo. “É como se a massa, a mesma multidão a que normalmente se atribuem apenas os instintos da estupidez e da perseguição, desabrochasse no que é de fato uma espécie de florescimento da humanidade.”⁴⁷

Não está claro se Orwell foi à Espanha para lutar e terminou escrevendo, ou se foi o contrário. John McNair, o representante do ILP em Barcelona, lembra-se de Orwell entrando em sua sala e declarando: “Vim à Espanha para me juntar à milícia na luta contra o fascismo”.⁴⁸ Porém, em *Lutando na Espanha*, Orwell deixa entrever que o jornalismo veio primeiro. Seja como for, apenas alguns dias foram suficientes para que decidisse fazer ambas as coisas.

O que encontrou lá foi “uma imitação ruim de 1914-8, uma guerra de posições, com trincheiras, artilharia, ataques surpresa, *snipers*, lama, arame farpado, piolhos e estagnação”.⁴⁹ Ele passou a maior

parte dos quatro meses seguintes com a 29ª Divisão do Poum nas trincheiras da frente de Aragão, que separava o povoado de Alcubierre, nas mãos dos republicanos, e os baluartes fascistas de Saragoça e Huesca. As grandes preocupações de Orwell eram, em ordem decrescente, “lenha, comida, tabaco, velas e” — num longínquo último lugar — “o inimigo”.⁵⁰ Desprovidas das armas e dos equipamentos russos, as milícias do Poum não tinham recursos para fazer uma investida contra os fascistas. Entre outras coisas, faltavam uniformes, capacetes, baionetas, binóculos, mapas, lanternas e armas modernas. O fuzil de Orwell era um Mauser de 1896. A sensação de paralisia e futilidade o deixava furioso, e ele condenou a frente de combate com o mesmo veredicto que lhe sugerira a inércia enfadonha da família Comstock em *A flor da Inglaterra*: “Nunca acontecia nada ali”.⁵¹ Georges Kopp, o excêntrico comandante belga do batalhão de Orwell, dizia aos seus homens que “isto não é uma guerra. É uma ópera cômica com mortes ocasionais”.⁵² Ainda assim, Orwell entreviu nas trincheiras uma versão melhorada do igualitarismo purificador que encontrara entre os vagabundos, e isso por fim fez dele um socialista. Ele “respirava o ar do igualitarismo”.⁵³ Foi essa experiência localizada que lhe permitiria mais tarde afirmar que, a despeito de tudo, havia deixado a Espanha “não menos, porém mais convencido da decência dos seres humanos”.⁵⁴

Menos espiritual, outro consolo era o suprimento de chocolate, charutos e chás da Fortnum & Mason que Orwell começou a receber de sua esposa Eileen, depois que também ela chegou à Espanha, em fevereiro, para trabalhar como secretária de McNair em Barcelona. Os dois haviam se casado oito meses antes, tendo se conhecido numa festa em 1935, e em muitos aspectos haviam sido feitos um para o outro. Ambos eram emocionalmente reticentes, com a propensão à melancolia temperada por um senso de humor irônico e um espírito

generoso. Compartiam a paixão pela natureza e pela literatura, os hábitos frugais e o descuido com a saúde e a aparência, e raramente eram vistos sem cigarros pendendo dos lábios. Ambos tinham princípios inabaláveis e a coragem de agir de acordo com eles. O que os diferenciava era a ambição. Formada em Oxford, Eileen era extremamente inteligente e benquista por todos, mas subordinou as suas aspirações às de Orwell, abandonando um curso de mestrado em psicologia educacional para viver com ele numa modesta sobreloja no vilarejo de Wallington, em Hertfordshire. Como disse um amigo, “ela contraiu os sonhos de Orwell como se pegasse sarampo”.⁵⁵

Em abril, por fim, Orwell teve o seu batismo de fogo, quando os milicianos investiram contra as posições fascistas. E demonstrou um genuíno valor, enfrentando o fogo inimigo e gritando: “Agora vocês vão ver, seus canalhas!”, ao que um dos seus companheiros respondeu: “Pelo amor de Deus, Eric, abaixe a cabeça!”.⁵⁶ Durante as longas semanas de impasse, contudo, o seu lado excêntrico emergiu. Era alguém que se recusou a disparar contra um fascista em fuga porque o fulano segurava as calças com a mão depois de uma visita à latrina e era, portanto, “claramente alguém como a gente, e não dá para atirar nele”.⁵⁷ Por outro lado, também ficou tão assustado diante de uma ratazana que a fulminou com uma bala, alertando assim o inimigo e desencadeando um feroz tiroteio que acabou destruindo a cozinha e dois ônibus dos milicianos.⁵⁸ “Se tem algo que odeio mais do que qualquer outra coisa é um rato passando sobre mim na escuridão”, escreveu ele, uma dúzia de anos antes de os roedores vencerem a resistência de Winston Smith.⁵⁹ Com apenas uma exceção, em todos os nove livros de Orwell há menção a ratos.

Apesar de toda a camaradagem, Orwell ainda não chegara a aderir plenamente às posições do Poum. Isso se devia em parte ao seu contrarianismo: “O aspecto político da guerra me entediava e

naturalmente reagi contra o ponto de vista que mais ouvia”.⁶⁰ Mas ele também achava que os comunistas estavam fazendo uma diferença maior. A sua afeição romântica pelos oprimidos foi superada pelo desejo pragmático de ver as coisas realizadas. Mesmo anos depois, continuava convencido de que fora equivocada a insistência do Poum de que apenas o êxito da revolução teria levado à vitória.

Como teria alguns dias de licença com Eileen em Barcelona no final de abril, Orwell planejava assim abandonar a milícia e se juntar às Brigadas Internacionais em Madri, onde os combates eram mais intensos. Os companheiros milicianos lhe disseram que era um tolo e que os comunistas iriam matá-lo, mas Orwell se mostrou irredutível. Só mais tarde ele se daria conta da sorte que teve, ao lhe permitirem que desafiasse a linha partidária sem que fosse denunciado ou ameaçado. Ele não fazia ideia de quão perigosa Barcelona se tornara para gente como ele. Mas estava prestes a descobrir.

Pouco antes de Orwell voltar a Barcelona, Richard Rees passou pela cidade a caminho de Madri, onde serviria como motorista de ambulância para o exército republicano. Quando se encontrou com Eileen no escritório do Poum, no começo Rees interpretou o seu jeito confuso e distraído como sendo preocupação pelo marido, mas então percebeu o que de fato a transtornava: “Ela foi a primeira pessoa em que notei os efeitos de viver sob o terror político”.⁶¹

Franz Borkenau retornou a Barcelona em janeiro e encontrou uma cidade muito diferente da que conhecera em setembro. Enquanto antes conseguira viajar pela Espanha republicana sem ser incomodado, agora qualquer dúvida ou crítica era tabu. “Há uma atmosfera de desconfiança e denúncia”, escreveu, “cujo desconforto é difícil de descrever para alguém que não passou por isso.”⁶² O Poum,

*image
not
available*

do Poum, cuja Radio Verdad tinha um lema incisivo: “O único serviço de notícias que prefere a realidade ao faz de conta”.⁷³ Mas o faz de conta estava vencendo.

Orwell não foi pego de surpresa quando a tensão entre as facções desembocou em luta armada. O que não previu, nem podia relevar, foram as mentiras subsequentes. Os comunistas alegaram ter descoberto uma vasta rede de traidores que se comunicavam com os fascistas por meio de equipamentos de rádio sigilosos e de mensagens com tinta invisível, e conspiravam para assassinar os líderes republicanos — mentiras tão acintosas que as pessoas acharam que seriam verdadeiras, pois ninguém teria a ousadia de inventá-las. Franco, que se beneficiava da ideia de que a República estava repleta de espiões a seu serviço, confirmou a alegação. Um Tribunal Especial para Espionagem e Alta Traição foi instituído. Os jornais foram censurados. Milhares de anarquistas e sindicalistas foram detidos. As ruas foram tomadas pelo medo e pela desconfiança.

Para desalento de Orwell, jornais comunistas em outros países, como o britânico *Daily Worker*, estavam de acordo com Charlie Chan. “Uma das consequências mais deprimentes dessa guerra foi me ensinar que a imprensa de esquerda é tão espúria e desonesta quanto a de direita”, escreveu, reconhecendo uma exceção honrosa no jornal *The Manchester Guardian*.⁷⁴ Seria necessário um livro para sanar os equívocos, e ele escreveu a Gollancz para lhe dizer isso: “Espero ter a oportunidade de escrever a verdade sobre o que vi. O que está saindo nos jornais ingleses não passa, quase tudo, das mais estarrecedoras mentiras”.⁷⁵ Era ainda pior no território franquista, onde a imprensa dizia que as milícias republicanas estavam violentando freiras, lançando os prisioneiros para serem devorados pelos animais dos zoológicos e deixando pilhas de cadáveres apodrecendo nas sarjetas. Um jornalista americano comentou que a escala da falsidade em

Salamanca, a capital dos nacionalistas, chegava a ser “quase uma doença mental”.⁷⁶ Para Stephen Spender, cujo idealismo evaporou com tanta rapidez que abandonou o Partido Comunista em questão de semanas, a guerra trouxe uma revelação fundamental sobre a natureza humana: “Trata-se simplesmente de que quase todos os seres humanos têm uma compreensão muito precária da realidade. Apenas algumas coisas, que ilustram seus próprios interesses e ideias, são reais para eles; outras coisas, na verdade igualmente reais, nada mais são do que abstrações”.⁷⁷ O próprio Spender não se excluía disso. “Pouco a pouco, fui sendo tomado por um certo horror diante do modo como funcionava a minha mente.”⁷⁸

Após o confronto das Jornadas de Maio, não havia como Orwell abandonar o Poum, e por isso ele voltou direto para a frente de Aragão. Não ficou muito tempo por lá. Orwell era tão mais alto do que o espanhol médio que a sua cabeça se projetava acima da borda da trincheira. Ele gostava de toda manhã fumar de pé o primeiro cigarro do dia. Um dia, quando o miliciano americano Harry Milton lhe perguntou se não se preocupava com *snipers*, Orwell fez pouco-caso: “Não conseguiriam acertar nem um touro numa viela”.⁷⁹ No alvorecer do dia 20 de maio, um desses atiradores de longa distância mostrou que ele estava errado, com uma bala certa que lhe atingiu a garganta, abaixo da laringe. Orwell achou que estava agonizando. Um milímetro de diferença e estaria morto, mas a bala passou ao lado da carótida e apenas paralisou temporariamente o nervo que controla as cordas vocais. * * Deitado na trincheira, com o sangue escorrendo da garganta, o primeiro pensamento de Orwell foi para Eileen; o segundo, “um violento ressentimento por ter de deixar este mundo que, no fim das contas, me convém demais [...]. Aquele contratempo estúpido me deixou furioso. A falta de sentido daquilo!”⁸⁰

Orwell passou três semanas no hospital. Era óbvio que a guerra havia acabado para ele, mas ainda precisava obter o documento de alta assinado por um médico na frente de combate. Quando voltou a Barcelona, em 20 de junho, os dados já haviam sido lançados. Assim que pôs os pés no Hotel Continental, Eileen o tomou pelo braço e sussurrou: “Suma daqui”.⁸¹

A crise das Jornadas de Maio levara à queda do primeiro-ministro Largo Caballero e, com isso, do último obstáculo para uma repressão total contra o Poum. O partido não era mais legal, como logo ficava sabendo todo miliciano que chegava da frente. O comandante do batalhão de Orwell, Georges Kopp, foi detido. Um jovem membro do ILP, Bob Smillie (“o melhor do bando”, comentou Orwell),⁸² morreu na prisão, na capital republicana de Valência. James McNair e Stafford Cottman, do ILP, estavam escondidos. Andrés Nin havia sumido, e seu destino logo daria origem a outra mentira. Ele foi brutalmente torturado por agentes russos da NKVD (“o rosto dele era só uma massa disforme”, segundo um relatório)⁸³ e depois assassinado, mas alguns membros alemães das Brigadas Internacionais, vestidos de agentes da Gestapo, encenaram um “resgate”, de modo que os comunistas podiam alegar que Nin ainda estava vivo, sob o abrigo de seus verdadeiros senhores em Salamanca ou Berlim — tal como Bola de Neve, em *A revolução dos bichos*, em torno do qual circulam rumores de que está vivendo com o sr. Frederick, na granja Pinchfield.

Em Barcelona, na época da repressão, foi a primeira e única vez em que Orwell viveu a “atmosfera de pesadelo”⁸⁴ que tanto iria marcar *1984*. Naquele caldo tóxico de rumores, difamações e paranoia, “por menos que você estivesse conspirando, a atmosfera o obrigava a se sentir como um conspirador”.⁸⁵ Mesmo quando nada de ruim estava acontecendo, a ameaça de que *algo* estava acontecendo continuava a

martelar os nervos. O quarto de hotel ocupado por Orwell e Eileen foi vasculhado, e um mandado para que ambos fossem detidos foi emitido. Relatórios de agentes da NKVD e de seus colegas espanhóis, descobertos na década de 1980, descreviam falsamente o casal como “claramente trotskista” e em conluio com dissidentes em Moscou.⁸⁶

Depois de três dias e noites apavorantes, durante os quais vagaram pelas ruas tentando ao máximo passar despercebidos e dormindo ao relento, ele, Eileen, McNair e Cottman conseguiram obter os documentos de viagem no consulado britânico e tomar o trem da manhã para Paris e a liberdade. “Foi um negócio estranho”, escreveu Orwell ao amigo Rayner Heppenstall. “Começamos sendo heroicos defensores da democracia e acabamos nos esgueirando pela fronteira com a polícia resfolegando em nosso pescoço. Eileen foi maravilhosa e, na verdade, parecia estar gostando daquilo.”⁸⁷ Fenner Brockway, que viajava em sentido inverso para tentar relaxar a prisão de membros do ILP, cruzou com Orwell em Perpignan, logo depois da fronteira francesa. “Essa foi a única vez que o vi furioso de verdade”, recordou Brockway.⁸⁸

Orwell fora levado à Espanha por seu ódio ao fascismo, mas saiu de lá seis meses depois com outro inimigo. Os fascistas tinham se comportado tão horrivelmente quanto imaginara, mas a crueldade e a desonestidade dos comunistas o haviam chocado. Segundo Jack Branthwaite, um companheiro do ILP, “ele dizia que costumava considerar o que se dizia do comunismo como propaganda capitalista, mas me disse: ‘Sabe, Jack, é tudo verdade’”.⁸⁹

“Quase todo jornalista enviado à Espanha”, escreveu o repórter americano Frank Hanighen, “tornou-se uma pessoa diferente em algum momento depois de cruzar os Pireneus.”⁹⁰ Isso certamente

*image
not
available*

emergência: uma suspensão temporária da liberdade com muita facilidade se torna permanente. Relatar a realidade confusa da guerra dentro de uma guerra era um teste, no qual a esquerda pró-comunista da Grã-Bretanha havia falhado ao reciclar lealmente a propaganda totalitária. Ele esperava mais.

Para Orwell, a verdade importava mesmo, ou talvez *sobretudo*, quando era inconveniente. Em obras anteriores de não ficção, ele burilava anedotas e omitira fatos incômodos por motivos literários, mas *Lutando na Espanha* foi escrito a partir de um novo comprometimento com a exatidão como virtude moral. Sem uma realidade consensual, defendia, “não pode haver argumentação; não há como alcançar o mínimo necessário para o acordo”.⁹³ Orwell era arguto o bastante para saber que nem sempre dá para alcançar a verdade objetiva, mas que, se não fosse possível ao menos aceitar a existência de tal coisa, então não havia jogo possível. “Eu me vi tomado pelo forte sentimento de que uma história verdadeira dessa guerra nunca seria ou não poderia ser escrita”, comentaria anos mais tarde. “Números precisos, relatos objetivos do que estava ocorrendo, simplesmente não existiam.”⁹⁴ Isso é o que queria dizer com “a história se interrompeu”, uma frase que reaparece em *1984*. Quando o único árbitro da realidade era o poder, o vitorioso poderia fazer com que a mentira se tornasse, para todos os fins e propósitos, a verdade.

Até certo ponto, porém. A impostura promovida pelo regime Soving, em *1984*, parece indestrutível. Na realidade, contudo, as mentiras tendem a ser tiros pela culatra. Borkenau notou que, na Espanha, os comunistas que começaram a mentir para enganar os outros muitas vezes acabavam eles próprios enganados. A paranoia gera a transferência de culpa, os expurgos e o declínio do moral, ao passo que os exageros da propaganda comunista levavam a erros militares. Na Rússia, os mentirosos logo se tornavam alvos de

*image
not
available*

estava convencido de que a distinção entre verdade e mentira era real e valia a pena ser preservada, enviou cartas reclamando das resenhas que difamavam os antigos camaradas. Se no livro exagerou a sua simpatia pelo Poum, isso se devia apenas ao fato de que ninguém mais se apresentara em defesa daqueles falsamente acusados. “Se não tivesse me enfurecido com isso”, diria mais tarde, “nunca teria escrito o livro.”⁹⁸

Um apoio de grande significado foi uma carta de Borkenau, que na época morava na Inglaterra: “Para mim, o seu livro é uma confirmação adicional da minha convicção de que é possível alguém ser perfeitamente honesto com os fatos a despeito de suas convicções políticas”.⁹⁹ O respeito era mútuo. Orwell elogiou *The Spanish Cockpit* com uma metáfora tipicamente tecnofóbica (“É das coisas mais encorajadoras ouvir uma voz humana quando 50 mil gramofones estão tocando a mesma música”), e mais tarde diria de *The Communist International* [A Internacional Comunista], de Borkenau, que era “um livro que me ensinou mais do que qualquer outro sobre o curso geral da Revolução”.¹⁰⁰ Borkenau havia se desligado do Partido Comunista Alemão em 1929 por se opor a Stálin, organizado ajuda para um partido antinazista e elaborado uma teoria pioneira do totalitarismo. “A civilização está a ponto de perecer”, escreveu Borkenau, “não apenas por certas restrições à expressão livre do pensamento [...] mas pela generalizada submissão do pensamento aos ditames de um núcleo partidário.”¹⁰¹

Apenas uma pessoa sugeriu que Orwell aprovou o comunismo. Enquanto vivia como pobre na Paris do final da década de 1920, Orwell às vezes desfrutava da hospitalidade de sua tia, Nellie Limouzin, e do companheiro dela, Eugene Adam. Este e o seu amigo

Louis Bannier eram ex-comunistas e divulgadores do esperanto, uma idealista língua internacional que conseguiu atrair a ira tanto de Hitler como de Stálin. Mais tarde, Bannier diria ter a recordação de uma acalorada discussão entre Adam e o jovem Orwell, o qual “insistia em proclamar que o sistema soviético era o socialismo definitivo”.¹⁰² Essa é uma historieta curiosa, que não combina com nada que Orwell escreveu, mas, verdadeira ou não, o tio dele provavelmente foi quem o introduziu ao fervor do antigo comunista.

Muitos dos escritores prediletos de Orwell nos anos seguintes à Espanha eram ex-comunistas: os austríacos Borkenau e Koestler; o italiano Ignazio Silone; os americanos Max Eastman e Eugene Lyons; o belga Victor Serge; os franceses André Gide, Boris Souvarine e André Malraux. Todos haviam conhecido o comunismo da mesma forma que ele entendeu o imperialismo: desde o ventre da besta. Testemunhos como os livros *De volta da URSS*, de Gide, e *Cauchemar en URSS* [Pesadelo na URSS], de Souvarine, proporcionaram a Orwell os primeiros vislumbres do funcionamento do regime de Stálin. Muitos dos detalhes e casos que ele descobriu ali foram reaproveitados em *1984*: o culto da personalidade; a reescritura da história; a supressão da liberdade de expressão; o desprezo pela verdade objetiva; os ecos da Inquisição espanhola; as detenções arbitrárias, denúncias e confissões forçadas; e, acima de tudo, o clima sufocante de desconfiança, de autocensura e de medo.

Para citar apenas um exemplo, em *1984*, Winston Smith descobre uma foto que comprova que os supostos traidores Jones, Aaronson e Rutherford se encontravam de fato em Nova York na data em que confessaram estar na Eurásia. Orwell havia lido sobre casos similares, nos quais confissões preparadas eram desmentidas por indícios concretos. Um suposto conspirador foi fotografado numa conferência em Bruxelas bem no dia em que havia “confessado” estar conspirando

em Moscou. Outro teria supostamente entrado em contato com Trótski num hotel em Copenhague que, soube-se depois, havia sido demolido quinze anos antes.

Orwell não respeitava esses escritores apenas pelas informações que forneciam. Os ataques deles a Stálin eram alimentados pela vergonha pessoal e por uma necessidade visceral de exorcizar a credulidade e a cumplicidade por meio do que Orwell chamou de “literatura da desilusão”.¹⁰³ Nessa apavorante e empolgante onda inicial de heresia, os antigos comunistas se expressavam com uma urgência arrebatadora. Para Orwell, igualmente heroica era a solidão deles. Muitos se viram abandonados por velhos amigos e ignorados pelos editores. Silone, escreveu Orwell com aprovação, “é desses homens denunciados como comunistas pelos fascistas, e como fascistas pelos comunistas, um bando ainda pequeno mas cada vez maior”.¹⁰⁴

Por que Orwell criticava o comunismo com mais vigor do que o fascismo? Porque o tinha conhecido de perto, e porque o apelo do comunismo era mais traiçoeiro. Ambas as ideologias visavam o mesmo destino totalitário, mas o comunismo começou com metas mais nobres e, por isso, requeria mais mentiras para se sustentar. O comunismo se tornou “uma forma de socialismo que impossibilita a honestidade intelectual”,¹⁰⁵ e sua literatura, “um mecanismo para justificar os equívocos”.¹⁰⁶ Orwell não conhecia pessoalmente nenhum fascista, e desprezava os que se destacavam em público, como o poeta Ezra Pound e Oswald Mosley, o líder da União Britânica de Fascistas, a quem ouvira discursar em Barnsley, em 1936: “Embora tenha exibido excelente técnica de palco, o seu discurso era a mais impronunciável bobagem”.¹⁰⁷ * * * Mas ele conhecia muitos comunistas. Nos círculos da intelligentsia literária, o fascismo era um vício nojento, ao passo que o comunismo “exercia um fascínio quase irresistível em todos os escritores com menos de quarenta anos”.¹⁰⁸

Ele continuava furioso com a hipocrisia deles mesmo anos depois, quando escreveu em 1984 que as atrocidades da década de 1930 foram “toleradas e até mesmo defendidas por gente que se considerava esclarecida e progressista”.¹⁰⁹

Os ex-comunistas haviam rompido o silogismo que unia grande parte da esquerda a Stálin: acredito no socialismo; a União Soviética é o único Estado socialista; portanto, acredito na União Soviética. A refutação de Orwell era dupla: primeiro, nenhum fim, por mais utópico que seja, pode ser justificado por meios tão grotescos; segundo, a Rússia stalinista não era verdadeiramente socialista, pois negava a liberdade e a justiça. Por outro lado, ele nunca contribuía pessoalmente, em termos intelectuais, emocionais e sociais, com o experimento soviético. Já aqueles que haviam contribuído se viram mergulhados numa crise existencial.

Um deles era Eugene Lyons, um imigrante russo judeu que crescera nos apinhados cortiços do Lower East Side em Nova York e se tornara um jornalista militante que colaborava com publicações socialistas. Em 1922, virou comunista e se afastou dos amigos mais moderados. Entre 1928 e 1934, foi o correspondente da United Press em Moscou, explicando a União Soviética para os leitores americanos. No começo, um resolute defensor de Stálin, e o primeiro jornalista ocidental a entrevistá-lo, Lyons acabou se horrorizando com a propaganda, as perseguições e a desonestidade em escala industrial de que havia participado. Orwell resenhou o épico mea-culpa de Lyons em junho de 1938, e não é despropositado supor que tenha prestado muita atenção neste relato dos esforços de Stálin para concluir o primeiro Plano Quinquenal em apenas quatro anos:

De imediato, a fórmula $2 + 2 = 5$ chamou a minha atenção. Pareceu ao mesmo tempo ousada e grotesca — o atrevimento e o paradoxo e o trágico

*image
not
available*

2. Febre de utopia

Orwell e os otimistas

Que divertido deve ter sido, naqueles esperançosos dias na década de 1880, empenhar-se pelas melhores causas possíveis — e havia tantas causas para escolher. Quem teria antevisto como tudo isso ia acabar?

George Orwell, *The Adelphi*, maio de 1940¹

“Um mapa-múndi que não inclua a Utopia não é digno de consulta”, escreveu Oscar Wilde num ensaio de 1891 intitulado “A alma do homem sob o socialismo”. “O progresso é a concretização de utopias.”² A resposta de Orwell foi, na prática, “Sem dúvida, mas...”. Ele apreciava a noção de utopia como um inspirador antídoto ao pessimismo e à cautela, mas achava tediosa toda tentativa de descrevê-la e sinistro todo esforço para torná-la realidade. Na edição do Natal de 1943 do *Tribune*, sob o pseudônimo de John Freeman, Orwell publicou um ensaio intitulado “Socialistas podem ser felizes?”, que contrastava o júbilo palpável no final de *Um conto de Natal*, de Dickens, com a pouco convincente “felicidade perene” das utopias.³ O motivo pelo qual as pessoas discutiam, brigavam e morriam pelo socialismo, argumentava ele, era a ideia de fraternidade, e não “algum Paraíso com aquecimento central, ar-condicionado e luzes de néon”.⁴ Claro que era possível, e necessário, melhorar o mundo, mas nunca até a perfeição consumada. “Todo aquele que tenta imaginar a perfeição simplesmente revela a sua própria vacuidade.”⁵

Historicamente, a utopia precedeu a distopia tal como o céu veio antes do inferno. Talvez seja um crédito para a humanidade o fato de

as pessoas começarem a conceber uma sociedade ideal muito antes de imaginarem o oposto. O mais antigo plano está na *República*, de Platão, um diálogo socrático que foi reconhecido como precursor do livro *Utopia*, de Thomas More, publicado em 1516. O neologismo de More derivava do grego, *ou* (não) e *topos* (lugar): a utopia é um lugar que não existe. Mas *ou* era facilmente confundido com outro termo grego, *eu* (bom), e, tenha ou não More escolhido essa palavra como um trocadilho intencional, a utopia acabou por adquirir um significado mais específico, o de um paraíso terreno. Na política, esta última conotação se impôs, mas na literatura permaneceu a ambiguidade, é por isso que Orwell descreveria o seu *1984* como “uma utopia”. Ele fazia uma distinção entre utopias “favoráveis” e “pessimistas”, pois não lhe teria ocorrido chamar estas últimas de “distopias”. Ainda que o termo *distopia* (literalmente, “o lugar não bom”) tenha sido empregado por John Stuart Mill em 1868, ele permaneceu dormente por quase um século, eclipsado pela *cacotopia* (“o lugar ruim”), de Jeremy Bentham, ou pela *antiutopia*, até por fim se tornar corrente na década de 1960. O romance de Orwell virou sinônimo de uma palavra que ele nunca usou.

Orwell estava bem familiarizado com a literatura utópica. Mais de uma vez ele mencionou a sátira *Erewhon* (1872) de Samuel Butler, a fantasia socialista *Notícias de lugar nenhum* (1890) de William Morris e as várias contribuições de H. G. Wells, mas raramente se mostrou convencido de que as ideias utópicas resultassem em obras de ficção satisfatórias. “É notória a dificuldade de descrever a felicidade”, escreveu num ensaio sobre as *Viagens de Gulliver*, “e as representações de uma sociedade justa e bem-ordenada dificilmente são atraentes ou convincentes”.⁶ Já em *Na pior em Paris e Londres*, ele considerava a promessa de “uma deprimente utopia marxista” um obstáculo ao socialismo.⁷ No fundo, as utopias lhe pareciam tediosas e tristes, não

acreditando que as pessoas de fato as desejassem. “De modo geral, os seres humanos querem ser bons”, escreveu em 1941 no ensaio “The Art of Donald McGill”, “mas não bons demais, e tampouco o tempo todo.”⁸

Considerando os interesses de Orwell, a lacuna mais intrigante em seus escritos é a ausência de qualquer menção ao livro que fez da prática de conceber uma sociedade ideal um fenômeno cultural que tomou conta dos derradeiros anos do século XIX. Em nenhum lugar em suas obras completas há qualquer referência a Edward Bellamy.

Em agosto de 1887, Edward Bellamy era um jornalista e autor pouco conhecido de Massachusetts. Empenhado e sensível, então com 37 anos de idade, com um semblante melancólico e um imenso bigode, o que mais o caracterizava era um fervoroso sentimento de convicção moral. A sufragista Frances Willard o descreveu como “calado mas atento, modesto mas perfeitamente centrado, com tons contidos e suaves, mas de personalidade forte e vibrante de propósitos”.⁹ Ao olhar em torno para os Estados Unidos da chamada era dourada, Bellamy via uma “nação nervosa, dispéptica e biliosa”,¹⁰ dilacerada por uma desigualdade grotesca. Dinastias milionárias controlavam o setor industrial, enquanto as classes trabalhadoras se esfalfavam sessenta horas por semana em troca de ínfimos salários em fábricas e oficinas insalubres, morando em cortiços imundos. A marcha da tecnologia produzia milagres — a lâmpada elétrica, o fonógrafo, o telefone —, mas também empestava os rios e enegrecia o céu com fuligem. A economia cambaleava sob ondas de pânico e de recessões. Uma epidemia de greves varria o país de uma extremidade a outra.

Para Bellamy, o statu quo não era apenas injusto, mas insustentável. Estava convencido de que vivia numa época crítica e que uma grande mudança era certa e iminente, para o bem ou para o mal. E o destino dos Estados Unidos iria decidir o destino do mundo. “Temos de estar conscientes de que, se isto for um fracasso, vai ser um fracasso definitivo”, escreveu. “Não restam mais mundos novos a serem descobertos, não há outros continentes que ofereçam campos virgens para novos empreendimentos.”¹¹

Nesse mês de agosto, Bellamy terminou um romance no qual reapresentava a turbulência da década de 1880 como uma etapa precursora, dolorosa mas necessária, de uma utopia socialista pacífica. “Estou especialmente ansioso para que isso venha à luz o quanto antes”, comentou com seu editor. “Agora é o momento propício, na minha opinião, para que uma publicação tratando de questões sociais e industriais alcance o seu público.”¹²

Daqui a cem anos: Revendo o futuro certamente conseguiu a sua audiência. Publicado em 1888, tornou-se o romance mais lido nos Estados Unidos desde *A cabana do pai Tomás*, e o mais imitado desde *Jane Eyre*. Tal como muitos campeões de vendas inesperados, o livro de Bellamy oferecia uma síntese de tendências existentes — aproveitando a popularidade de visões utópicas como a de *A Crystal Age* [Uma era de cristal], de W. H. Hudson, e de panfletos radicais, como o extraordinariamente bem-sucedido *Progress and Poverty* [Progresso e pobreza], de Henry George — ao mesclar os dois formatos. Nos Estados Unidos, de acordo com o jornalista Henry Demarest Lloyd, o livro de Bellamy era “discutido por todo mundo, até pelos engraxates nas calçadas”.¹³ E, na Grã-Bretanha, virou um tema de conversa tão corriqueiro que, nos círculos intelectuais, era tido como uma omissão não ter lido o livro. “Suponho que tenha visto ou lido, ou tentado ler, *Daqui a cem anos*”, o escritor e designer